

VISTO  
& VISTO  
não

LIXO



Onde moro o recolhimento do lixo residencial é feito três vezes por semana: segundas, quartas e sextas-feiras. É sempre à noite e vez ou outra coincidem a hora que estou chegando com a hora em que o caminhão da Comlurb fecha a rua de acesso à minha residência. Aguardo a liberação da rua observando o trabalho dos homens. Os sacos são arremessados para a caçamba do caminhão e compactados de tempos em tempos. Quando alguns dos sacos não suportam o peso do lixo em seu conteúdo ou o manuseio dos homens, o lixo se espalha pelo chão, e então eles precisam recolher. Existe técnica: quando a quantidade é pequena juntam o lixo com dois pedaços de madeira, pressionam, levantam o recolhido e arremessam na caçamba. Quando a quantidade é grande estendem um pedaço de lona, utilizam uma vassoura para colocar todo o lixo em cima e logo depois arremessam na caçamba. A equipe que trabalha por lá é bem rápida e eficiente.



Sempre que estou nas ruas próximas à que eu resido fico observando, nos “dias do lixeiro”, o quanto produzimos lixo. São pilhas e pilhas amontoadas em todas as ruas. Penso em desperdício de alimentos, somos um dos países que mais perdem comida no mundo. Penso em quanta coisa supérflua e de pouca durabilidade produzimos, usamos e jogamos fora. Observo também alguns sacos com a marca da Comlurb, usados pelos varredores e varredoras no dia a dia. O trabalho desses é aumentado pela má educação de nosso povo; você pode perceber na foto o quanto somos displicentes na destinação de nosso lixo. Pouco custa adicionar nossa sujeira em sacos próprios e aguardar o dia do recolhimento, no entanto,

muitos preferem jogar o lixo em qualquer lugar – a imundície é instaurada. O slogan “cidade limpa não é que mais varre, mas a que menos suja” ainda não encontrou espaço em muitos dos cariocas.

Tenho dois textos bíblicos que dançam em minha mente quando me deparo com esses quadros. O primeiro é Romanos 8.18-22: “Considero que nosso sofrimento de agora não é nada comparado com a glória que ele nos revelará mais tarde. Pois toda a criação aguarda com grande expectativa o dia em que os filhos de Deus serão revelados. Toda a criação, não por vontade própria, foi submetida por Deus a uma existência fútil, na esperança de que, com os filhos de Deus, a criação seja gloriosamente liberta da decadência que a escraviza. Pois sabemos que, até agora, toda a criação gême, como em dores de parto”.



Herdamos um mundo ecologicamente debilitado e a cada geração agravamos o quadro. Poluímos cotidianamente os rios, os mares, o solo e o ar. A vida luta pela sobrevivência em todos os lugares; animais marinhos são encontrados com vasilhames plásticos ou metálicos em seus estômagos, aves morrem intoxicadas com herbicidas, solos se tornam improdutivos após uso excessivo e contínuo de agrotóxicos, insetos já se extinguiram por causa de nuvens poluentes de fábricas e refinarias. Personificada, a natureza gême, é como uma mulher prestes a dar à luz; contrações musculares doloridas para que a vida ecloda. Poderíamos acrescentar que é um parto difícil, demorado, cansativo para a mãe e o bebê; o período de dor se prolonga, a intensidade é aumentada a cada minuto. Tenho responsabilidade ante esse

quadro, preciso cuidar melhor do planeta, preciso melhor administrar o jardim que recebi de Deus.

O segundo texto também é inquietante, Apocalipse 22.11. “Continue o injusto a fazer injustiça, e continue o imundo a ser imundo. O justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se” (ARA). “Que o injusto cometa ainda a injustiça e o sujo continue a sujar-se; que o justo pratique ainda a justiça e que o santo continue a santificar-se” (BJ). Uma exortação que parece determinista e que tem sido entendida de várias maneiras. Alguns a relacionam ao profeta Daniel, e entendem como uma ordem para que os ímpios reflitam sobre o que estão fazendo. Parece enfraquecer o tom imperativo do texto. Outros a entendem relacionada ao fim da história, que virá de uma forma tão repentina que não haverá tempo para a mudança. Nos preparamos então com a questão dos destinatários da passagem; parece-nos que é dirigida aos leitores de João e não necessariamente ao final dos tempos. Alguns a definem como corporativa e não individual; o indivíduo poderá mudar seu comportamento, mas a presença do bem e do mal permanecerá até o retorno de Cristo. Esbarramos com a mudança de uma ordem pessoal para uma ordem direcionada apenas a grupos. Outros estudiosos ressaltam a “natureza inviolável da profecia de João”; as profecias se cumprirão independente das ações das pessoas, elas estão fundamentadas na pessoa de Deus.

Ampliemos nossa visão com outros textos bíblicos. Em Apocalipse 22.10 temos a proximidade do retorno de Cristo: “Não lacre com um selo as palavras proféticas deste livro, porque o tempo está próximo”. Precisamos buscar entendimento da passagem acrescentando a insistente ordem de “ouvir” que se apresenta nas sete cartas e em 13.9: “Quem é capaz de ouvir, ouça com atenção”; bem como a limitação imposta pelo pecado: “Mas, quando eu lhe der uma mensagem, desprenderei sua língua e deixarei que fale. Então você lhes dirá: Assim diz o Senhor Soberano!

Quem escolher ouvir, ouvirá, mas quem se recusar, não ouvirá, pois são um povo rebelde” (Ezequiel 3.27). Limitação também mostrada pelo profeta Isaías: “Então ouvi o Senhor perguntar: Quem enviarei como mensageiro a este povo? Quem irá por nós?. E eu respondi: “Aqui estou; envia-me”. Ele disse: Vá e diga a este povo: Ouçam com atenção, mas não entendam; observem bem, mas não aprendam. Endureça o coração deste povo; tape os ouvidos e feche os olhos deles. Assim, não verão com os olhos, nem ouvirão com os ouvidos, não entenderão com o coração, nem se voltarão para mim a fim de serem curados” (Is 6.8-10). Retornamos à Apocalipse: “O Espírito e a noiva dizem: “Vem!”. Que todo aquele que ouve diga: “Vem!”. Quem tiver sede, venha. Quem quiser, beba de graça da água da vida” (Ap 22.17). Um convite, uma limitação, uma advertência, não predestinação. Viver na sujeira é uma opção. Viver em santidade é fruto esperado naquele que crê.

Quanta coisa podemos aprender com o lixo que produzimos!

Pedro Jorge, Pr.

